

A NEUTRALIZAÇÃO DO ESTIGMA EM NARRATIVAS DE ENTRADA PARA O TRÁFICO: ADESÃO E RESISTÊNCIA A ESTEREÓTIPOS DE FEMINILIDADE

THE NEUTRALIZATION OF STIGMA IN DRUG TRAFFICKING NARRATIVES: ADHESION AND RESISTANCE TO STEREOTYPES OF FEMININITY

Carlos Vinícius Pereira dos Santos Nascimento,

viniciuspsnascimento@outlook.com

Amanda Carvalho França

Liana de Andrade Biar

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Submetido em 10/10/2016

Revisado em 12/10/2016

Aprovado em 25/11/2016

Resumo: Partindo dos estudos clássicos de Goffman (1975) e Becker (1963) sobre as noções de estigma, desvio e encontro misto, este estudo realiza uma análise qualitativa e interpretativa de narrativas (Bastos e Biar, 2015) de mulheres presas por tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Os resultados indicam uma polarização de sistemas que dão coerência (Linde, 1992) às relações de causa e efeito presentes nas histórias de entrada para o crime conforme contadas por essas mulheres. De um lado, e predominantemente, estão aquelas que reivindicam tal causalidade a partir de um envolvimento afetivo com companheiros, donde se destaca, como características narrativas, passividade frente às ações narradas e avaliações negativas em relação ao *self* passado, em geral tratado como irracional, imaturo, emocional. De outro, as que justificam essa entrada de maneira agentiva e protagonista, sob o pretexto de complementação de renda familiar ou simplesmente pelo desejo de poder.

Palavras chave: estigma; desvio; trabalho de face; narrativa

Abstract: Based on Goffman's (1975) and Becker's (1963) classic studies about the notions of stigma, deviance and mixed encounter, this study performs a qualitative and interpretative analysis of narratives (Bastos and Biar, 2015) of women arrested for drug trafficking in Rio de Janeiro. The results indicate a polarization of discursive systems that provide coherence (Linde, 1992) to the different stories, particularly in its cause-effect relations. On the one hand, and predominantly, there are those who claim that this causality stems from an affective involvement with male partners, making use of narrative characteristics

such as passivity and negative evaluations of the past self, generally treated as irrational, Immature, emotional. On the other hand, there are those who portray their selves as agents and protagonists, under the pretext of complementing family income or simply due to the desire for power.

Keywords: stigma; deviance; face work; narrative.

Introdução

A presente pesquisa compõe o projeto de pesquisa “*A neutralização do desvio no encontro interacional misto: narrativa, Identidade e estigma em três laminações*”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da PUC-Rio coordenado pela Professora Liana de Andrade Biar. A proposta tem natureza interdisciplinar e busca aliar a sociologia interacionista e a análise de discurso informada pela sociolinguística interacional para analisar os efeitos discursivos produzidos nos encontros mistos, definidos por Goffman (1975) como aqueles que reúnem face a face – por exemplo, na entrevista de pesquisa – identidades hegemonicadas e estigmatizadas.

O trabalho se debruça sobre o discurso de mulheres envolvidas com o sistema prisional do Estado do Rio de Janeiro, seja na condição de interna ou visitante/parente de pessoas presas. O objetivo é compreender como se (des)constroem o estigma e as tentativas de normalização da experiência desviante, tendo em vista a natureza do encontro misto.

O objetivo geral se desdobra em 3 laminações, ou objetivos específicos, a saber: (i) identificar as estratégias de manutenção e proteção de face e as técnicas de controle da informação que emergem do encontro, tentando compreender em que medida elas estão a serviço de tensões e necessidades de gerenciamento interacionais; (ii) identificar o modo como são construídas as narrativas das mulheres entrevistadas – a partir de que sequencialidades, causalidades e sistemas de coerência –, bem como sua função interacional no contexto; (iii) analisar o modo como as narrativas e identidades construídas se relacionam dialogicamente com outros discursos e sistemas de coerência validados no senso comum. As duas primeiras laminações são objetos do presente artigo.

A pesquisa é continuação do projeto de doutoramento realizado pela coordenadora, que esteve em trabalho de campo em um importante complexo penitenciário do Rio de Janeiro, ocasião em que teve contato com várias mulheres, fosse na condição de internas de penitenciárias femininas, parentes ou companheiras de presos, mantinham íntima relação com a prisão. Dentre as diversas situações em que se encontravam essas mulheres, observou (a) que várias daquelas que se encontravam privadas de liberdade sofriam de abandono familiar, em contraste com o que ocorria com os homens; (b) a rotina semanal de esposas e visitantes, que comumente se iniciava no dia anterior à visita; (c) o registro forjado de mulheres como esposas, que recebiam ajuda de facções criminosas para visitar presos, e (d) por vezes, dizia-se que companheiras, filha e irmãs de outros presos eram dadas como pagamento por dívidas contraídas dentro ou fora das prisões.

A metodologia adotada na pesquisa foi de natureza qualitativa interpretativista, com análise de dados gerados em situação de entrevista à luz dos conceitos de estigma e contatos mistos (Goffman, 1975), desvio (Becker, 2008 [1963]), trabalho de face (Goffman, 1980; Biar, 2015) e estudos da narrativa (Bastos, 2004; Flennery, 2015).

O trabalho desenvolveu os procedimentos de pesquisa empregados e apresenta os resultados do período 2015-2016.

Metodologia

O trabalho de campo

A primeira etapa do trabalho, o campo, consistiu no contato com possíveis participantes, fossem na condição de internas ou de familiares de internos do sistema penitenciário. Após as primeiras tentativas junto a ONG's de apoio à população carcerária e algumas conversas “boca-a-boca” com amigos, também universitários, duas primeiras indicações para participação na pesquisa surgiram. Cátia¹, companheira de um interno do sistema prisional, aceitou ser participante e primeira entrevistada pelo primeiro autor deste artigo, e Paloma, ex-interna, atualmente empregada doméstica, cujo contato se deu via relação de

¹ Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade das participantes. Todas as participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

amizade com a segunda autora. Também se realizou contato telefônico com a Fundação Santa Clara², uma das instituições responsáveis por empregar internos de instituições penitenciárias no Estado do Rio de Janeiro. A fundação constitui o principal campo da pesquisa realizada.

A primeira visita à instituição consistiu em uma conversa inicial com uma das responsáveis, momento em que oportunamente os pesquisadores apresentaram a pesquisa e solicitaram autorização para conversar com algumas possíveis participantes. Também foi concedida aos pesquisadores uma autorização para visita ao Centro de Capacitação mantido pela instituição, situado em outro ponto da Cidade do Rio de Janeiro. No total, quatro voluntárias com alguma ligação com a fundação aceitaram participar da pesquisa.

Além dessas, compõem o *corpus* de análise outras duas entrevistas realizadas pela orientadora da pesquisa em contato com duas outras ONGs de apoio a ex-internas do sistema prisional (referidas aqui como entrevistas-piloto), assim como a pesquisa de campo com mães e esposas de homens presos em uma cadeia no município de São Gonçalo/RJ realizado por Natália Cuccinello Albuquerque, mestrandona do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, também vinculada ao projeto geral de pesquisa. Essas últimas entrevistas foram realizadas em dias de visita a internos da referida casa de detenção. Ao todo, o *corpus* de análise totaliza 17 entrevistas, sendo 10 realizadas com parentes de pessoas presas e 7 realizadas com internas e ex-internas do sistema prisional.

Geração dos dados: as entrevistas

A geração dados para análise discursiva se deu em formato de entrevistas semiestruturadas, i.e., entrevistas que apresentam um roteiro prévio que pode ser expandido ou redirecionado conforme andamento do encontro com as participantes. As conversas ocorreram com as já mencionadas Cátia e Paloma, as participantes das entrevistas-piloto, Jô e Denise, e as participantes do âmbito da fundação Santa Clara: Valéria, Alessandra, Sara e Joice, ex-detenta e detentas, respectivamente. Os nomes das participantes, bem como todas as informações que possam facilitar a identificação pessoal das mesmas, assim

² O nome da instituição também é fictício.

como lugares e datas citados foram alterados por razões de ética em pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio.

Vale observar que interessam ao trabalho especialmente as entrevistas caracterizadas, segundo Goffman (1975), como “mistas”. Para essas entrevistas, recusa-se o rótulo de mero procedimento metodológico, de modo que seus processos e sequências sejam descritos e analisados como se fossem outra atividade de fala qualquer (Mishler, 1986).

Procedimentos de transcrição dos dados

Conforme é comum em abordagens discursivas voltadas para o encontro face-a-face, entende-se a transcrição de dados como uma etapa já interpretativa (Riessman, 1993), uma vez que se baseia em processo seletivo guiado pelos olhos dos pesquisadores. Foram utilizadas convenções adaptadas da Análise da Conversa, de modo a contemplar também os aspectos supra-segmentais e paralinguísticos da interação.

Além das entrevistas mencionadas na seção anterior, coube aos pesquisadores a transcrição de duas entrevistas-piloto realizadas pela orientadora deste projeto. A entrevista com Jô foi realizada em uma universidade em que a interna, atualmente em regime semi-aberto, cursa a graduação em pedagogia e durou cerca de sessenta minutos. Já a entrevista com Denise, hoje ex-interna e funcionária de uma ONG de apoio a ex-detentos, foi realizada em seu ambiente de trabalho também com duração de aproximadamente sessenta minutos.

Após ouvir e transcrever as entrevistas em comento, os pesquisadores puderam compreender alguns aspectos metodológicos próprios da entrevista qualitativa semiestruturada, bem como alguns fundamentos interacionistas sobre trabalho de face e co-construção das relações de poder em interação.

Todas as entrevistas foram analisadas e três delas compõem a amostra reduzida de dados apresentada neste artigo. As entrevistas foram analisadas conforme categorias desenvolvidas na próxima seção.

Aporte teórico e categorias de análise

Becker (1963), no âmbito da sociologia, considera o desvio como um produto de negociação tácita nos encontros sociais, em que pessoas, realizando ações conjuntas, decidem e rotulam o que deve ser julgado desviante. De maneira semelhante, para Goffman (1975), o estigma deriva não de uma característica em si mesma desonrosa, mas da violação das expectativas normativas sustentadas culturalmente sobre a apresentação social de um indivíduo nos diferentes contextos de interação.

Dessas noções, que relativizam os julgamentos sobre “normalidade” ao torná-los dialógicos e processuais, deriva um conceito nuclear, também de Becker, que tem importância crucial neste artigo: o de neutralização. Ao descrever os padrões de interação entre desviantes e não-desviantes, o autor nota que os atores sociais, mesmo quando têm consciência do extraordinário de sua ação desviante, permanecem sensíveis às expectativas culturais que regem o grupo de que fazem parte. Por essa razão, tendem a desenvolver certas técnicas interacionais com o objetivo de neutralizar – ou normalizar – a sua diferença. Em seus estudos sobre o self deteriorado, Goffman (1975) formula algo semelhante a partir do conceito de “técnicas de controle de informação”.

Como mencionado são três os objetivos específicos, ou lâminas, explorados em busca dessas técnicas. No período 2015-2016, duas delas puderam ser exploradas. Nas próximas subseções, descreve-se sucintamente cada uma delas, com foco específico nas categorias mobilizadas na análise.

O trabalho de face no ritual de interação

Seminal na sociolinguística interacional, o trabalho de Goffman (1964; 1967; 1974; entre outros) oferece as ferramentas analíticas necessárias para se explicitar e entender os modos como as pessoas atribuem valor simbólico ao que é dito e feito nos encontros sociais (cf. Schiffrin, 1994). Como já se disse, a reflexão, nesta lâmina, estará centrada nas demandas dos contatos verbais fundados na diferença. Dentre essas demandas, está a tensão entre uma necessidade de se manter a comunicação fluida e o reconhecimento que as participantes têm de suas imagens deterioradas pelo rótulo tácito, proveniente do cenário prisional.

Ao esforço de apresentação positiva que depende da desconstrução dos signos estigmatizantes, Goffman denomina trabalho de face (*face work*). Esse trabalho, muitas vezes depois explorado pelas teorias de polidez, recorta o dinamismo da apresentação do self – definido pelo autor como uma imagem socialmente construída a partir de certas demandas expressivas contingentes e baseada em juízos emergentes de uma situação social (Goffman, 2009 [1959]) – e se coloca a serviço da “ordem ritual”, um tipo de controle social informal, tacitamente sustentado, feito de convenções e procedimentos do “como agir” em interação (Goffman, 1980).

Concretamente, o trabalho de face realizado nos encontros sociais é explicado por Goffman nos seguintes termos. A cada estado de fala ratificado, isto é, a cada encontro social em que duas ou mais pessoas se reconhecem mutuamente como interlocutores, os participantes tendem a seguir uma linha – um certo padrão de atos verbais e não-verbais com que eles se expressam – sustentada por suas impressões sobre o encontro, sobre os demais participantes e sobre eles mesmos. De forma muito geral, tal linha determina um sentido social de confiança e segurança – caso as pessoas sintam que estão sustentando um padrão positivo, ou adequado às requisições do encontro (neste caso, diz-se que o sujeito está sustentando a face) –, e ofendidas ou envergonhadas – nos casos de inadequação dos padrões verbais e semióticos assumidos (quando se está fora de face, ou com a face inadequada).

Enquanto o estado interacional *default* consistiria no equilíbrio do conflito, situações como o constrangimento, a vergonha e as gafes, por exemplo, seriam, ao mesmo tempo, sinais perceptíveis de problemas com a sustentação de face – que pode estar errada, pode ser perdida ou estar ameaçada por outrem – e demandas de controle por parte dos outros para gerenciar essas situações. Ainda segundo o autor, os participantes de um encontro agem guiados pela regra do “respeito próprio” e da “consideração”, isto é, eles não só mantêm uma face, assumindo uma linha que apresenta uma imagem consistente com o requerido pela situação, como há também o aspecto dialógico: a consistência da linha assumida deve estar apoiada nos juízos e evidências difusamente comunicadas pelo outro no fluxo de eventos da situação. Além disso, a face mantida por outros

participantes é também objeto de zelo por parte das pessoas, as quais, voluntária e espontaneamente, se engajam em esforços consideráveis para resguardá-la.

A estratégia da evitação

De acordo com Goffman (1980), uma das formas de se evitar ameaças à face é evitando o encontro, o que nem sempre é possível, entrando em cena outros tipos de evitação, tais como o afastamento de tópicos ou atividades capazes de gerar ameaças. Como bem exemplifica Biar:

[...] o encontro misto é frequentemente marcado pela potencialidade de linhas de ação consistentes com medo, pena, hostilidade ou humilhação. Para salvar o equilíbrio interacional de tais ameaças, era preciso renunciar a certas ações, e realizar outras custosas e desnecessárias em outros contextos (BIAR, 2015. p. 133).

Goffman (1980) ainda ressalta que a evitação pode ser usada tanto como uma tática protetora (salvar a face do outro) ou defensiva (salvar a própria face), e que essas duas formas geralmente coexistem na interação. Dessa forma, tendo como exemplo as situações de pesquisa acadêmica como as realizadas no presente projeto, estratégias como apagamento do tópico da conversa e generalizações são vistos com frequência nas gravações na tentativa de evitar desequilíbrio entre os participantes.

Ataque

Nem sempre em uma interação mista a ordem ritual como concebida por Goffman (1980) é mantida pelos participantes, o que ocasiona uma forte tensão e abala o equilíbrio do encontro. Pode um dos interlocutores se utilizar do que o autor chamou de uso agressivo da elaboração da face, se utilizando de forma proposital de recursos e expressões que façam emergir as marcas do estigma, gerando um forte desconforto. Goffman comparou uma interação em que isso ocorre a uma competição:

O propósito do jogo é que a linha de todos seja preservada de uma contradição inexcusável, ao mesmo tempo em que se

marca o maior número possível de pontos contra os adversários e se faz o maior número de pontos possíveis para si mesmo. O público para disputa é quase uma necessidade (1980. p. 91).

Para o uso dessa estratégia, o participante lança fatos favoráveis sobre si e desfavoráveis sobre os demais, com exposição ao ridículo, o que força os outros interactantes ao uso de táticas defensivas, tais como risadas “sem graça”.

A análise de narrativa

Ponto crucial para o desenvolvimento de pesquisa no campo das análises da fala-em-interação, a narrativa constitui a forma pela qual as pessoas contam e compartilham as histórias de suas vidas ou fatos corriqueiros do dia a dia (Flennery, 2015). Em outras palavras, pode-se definir a narrativa “como o discurso construído na ação de contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou situação de entrevista para pesquisa social” (Bastos; Biar, 2015. p. 99).

William Labov (*apud* Bastos, 2004), em seus estudos pioneiros sobre narrativa, afirmou que a mesma remete a fatos ou acontecimentos passados e que se estrutura numa sequência temporal, que tenha um ‘ponto’ e que seja contável (Bastos, 2004). Esse ponto da narrativa é sua razão de ser. Justifica a tomada de turnos mais longos negociados quando do início da fala e usualmente está relacionado ao tópico da conversa. Sua indicação ocorre pelo que Labov chamou de avaliação, “ou o componente da narrativa que contém informação sobre sua carga dramática, seu clima emocional” (idem, p. 119). As avaliações, explícitas ou encaixadas, muitas vezes se manifestam pelo uso de intensificadores lexicais, alongamento de vogais, aceleração ou diminuição do ritmo da fala, elevação ou abaixamento do volume da voz, uso de repetições, entre outros recursos.

Diferentemente do que ocorreu no trabalho de campo, em que os pesquisadores se utilizavam de estratégias para incentivar a produção da narrativa oral pelas entrevistadas – ou seja, ocorreu uma negociação inversa em relação a tomada de turnos mais longos, no que Harvey Sacks chamou de conversações espontâneas (*apud* Bastos, 2004) –, o falante normalmente tem que conquistar espaço e a atenção do ouvinte, que tem que permitir a fala mais longa. No decorrer da história, o ouvinte tem turnos como “ahn”, “sim”, “entendi”,

que não quebram o fluxo da narrativa e demonstram que ele está prestando atenção, sendo o silêncio interpretado como um problema (Bastos, 2004). As reações do ouvinte são normalmente orientadas por um prefácio feito pelo narrador que contém instruções para que ele, o interlocutor, se comporte em relação ao que vai ser narrado (alegria, surpresa, etc). Também podem ocorrer expressões faciais ou gestos, que igualmente sinalizam o alinhamento entre narrador e ouvinte.

Resultados e discussão dos dados

As narrativas orais protagonizadas por mulheres que se relacionam ao contexto prisional foram trabalhadas discursivamente em uma perspectiva microanalítica. O que se pôde observar, nas narrativas das entrevistadas que já estiveram no sistema prisional na condição de internas, é uma polarização de sistemas que dão coerência às relações de causa e efeito nas narrativas de entrada para o crime. De um lado, e predominantemente, estão aquelas que reivindicam tal causalidade a partir de um envolvimento afetivo com companheiros, donde se destaca, como características narrativas, passividade frente às ações narradas e avaliações negativas em relação ao *self* passado, em geral tratado como irracional, imaturo, emocional. De outro, as que justificam essa entrada de maneira agentiva e protagonista, sob o pretexto de complementação de renda familiar ou simplesmente pelo desejo de poder.

Se ambas estão a serviço da neutralização do desvio e amenização do estigma criminal, as primeiras fazem isso colaborando para o reforço de estereótipos femininos associados à docilidade, passividade e irracionalidade; enquanto as segundas fazem isso resistindo a estereótipos ao aproximarem-se de avaliações que exaltam força e racionalidade, símbolos no senso comum associados à masculinidade hegemônica.

Em função da centralidade da categoria de agência para o trabalho, os pesquisadores distribuíram respectivamente suas análises entre entrevistas que ressaltam agentividade e passividade nas narrativas das entrevistadas. Para isso, usaram as categorias analíticas descritas acima. As seções seguintes mostram os caminhos analíticos que levaram aos resultados.

Construção agentiva do estigma

As entrevistas realizadas com Valéria e Aline exemplificarão a seguir a análise realizada à luz dos conceitos de estigma e contatos mistos (Goffman, 1975), trabalho de face (Goffman, 1955; Biar, 2015), avaliação narrativa (Bastos & Biar, 2015) e marcas de agentividade na narrativa (Biar, 2012).

A evitação como proteção da face e a manipulação do estigma

Observou-se nos dados o uso de estratégias de evitação como uma das formas mais frequentes de manipulação do estigma e gerenciamento de possíveis tensões da interação. Observe-se o excerto a seguir, retirado da entrevista com Valéria.

01 Vinícius Valéria, primeira pergunta. Como, como é que você
02 veio parar aqui na fundação?
03 Valéria Santa Paulina? Foi assim, eu por ser do- por
04 estar no cárcere... aí quando eu vi sem
05 liberdade... Eu so- eu sou professora formada.

A forma como a pergunta é elaborada na linha 01 é bivalente. Ao passo que reconhece o estigma do sistema prisional, o mitiga, uma vez que fica implícito que a fundação em questão tem como atividade precípua a ressocialização de detentos ou ex-detentos, o que implica em categorizar Valéria como tal. A partir da linha 03, a entrevistada chama para si atributos positivos, apresentando-se sob uma luz favorável. O auto reparo (“eu por ser do- por estar no cárcere”) realizado para informar que esteve presa, bem como a escolha lexical do uso do verbo ‘estar’ em detrimento do ‘ser’, reforça o distanciamento da narradora com a situação prisional; a transitoriedade dessa situação. Nas linhas 04 e 05, a fala de Valéria sobre ser professora formada, aparentemente fora de contexto, aponta não apenas o manejo da evitação como mecanismo de defesa de face (Goffman, 1955), mas também mostra uma tentativa de equiparação, ou ao menos uma aproximação da entrevistada aos demais participantes do encontro, afastando a sombra de uma identidade manchada pelo estigma (idem, 1975). Como nos diz Goffman, “reivindicar qualidades para o próprio *self* requer a exibição de uma modéstia depreciativa, de fortes qualificações [...]” (1980 [1975]. p. 85).

Uso agressivo da face na apresentação do self

Ainda no tocante ao trabalho de face, a entrevista com Aline apresenta um exemplo evitação empregado pelo entrevistador ainda no início da interação como estratégia de proteção às faces comprometidas na interação, ou seja, com o intuito de afastar um confronto capaz de abalar o equilíbrio da interação. Considera-se também as questões de estigma envolvidas (no trecho em comento, a entrada para o sistema penitenciário). Destaca-se, quanto ao *self* projetado em entrevista, que Aline se apresenta de forma a abraçar o estigma que lhe é socialmente atribuído, se portando de forma a não tentar escondê-lo, optando pelo uso de expressões diretas.

01 Vinícius Você: é:: como é... deixa eu tentar reformular. >0
02 que que aconteceu pra você ser presa?<
03 Aline Eu? Tráfico.
04 Vinícius Tráfico. >Meu.Deus.do.céu.que.tenso.< Tudo bem.
05 Tráfico. Mas você trabalhava assim... ativamente,
06 vo- >como é que era isso?<
07 Aline Eu trabalhava ativamente mesmo, traficava mesmo.
08 Vinícius Traficava mesmo. Você... mandando, fazendo coisas?
09 Aline Mandando, fazendo, >fazendo tudo<

Já na primeira linha do excerto, observam-se os alongamentos e pausas utilizados pelo pesquisador para introduzir o assunto com a delicadeza que a interação requeria, lançando mão, como já se disse, da estratégia de evitação. A evitação como trabalho de face é então ignorada pela entrevistada que rechaça a indiretividade inicialmente proposta na pergunta, fazendo emergir o estigma que até então se tentava camuflar. Um desequilíbrio se instaura, patente na perplexidade de Vinícius, indiciada na linha 04. O desequilíbrio ou constrangimento provocado por Aline é evidência de que uma regra foi quebrada na interação, isto é, a explicitação do signo desviante levada a cabo por Aline desconcerta porque não coincide com as expectativas de “normalidade” do encontro misto. A partir da linha 5, é possível notar uma tentativa de restaurar o equilíbrio da interação, pela expressão de condescendência ou até neutralidade “Tudo bem”. A quebra de expectativa promovida por Aline força o entrevistador, participante endereçado naquele momento, a usar a mitigação do estigma como forma de realinhamento (idem, 1979). As ações de mitigação utilizadas pelo entrevistador após a entrevistada terminar seu turno com a informação que se

tentava evitar até então, levou ao chamado processo corretivo, consistente na identificação de um evento tido como expressivo e incompatível com o esperado socialmente daquela situação (Goffman, 1955). Quanto a linha que Aline apresentou e visava sustentar, Goffman chamou de uso agressivo da face, e em seus estudos afirmou que:

toda prática de salvar a face que consegue neutralizar uma ameaça específica abre a possibilidade de a ameaça ser introduzida pelos benefícios que pode trazer. Se uma pessoa sabe que, como resposta à sua modéstia, receberá elogios, poderá buscá-los conscientemente" (1980. p. 91).

Agentividade e suas marcas na narrativa e a neutralização do desvio

No contexto da pesquisa, a noção de agentividade narrativa pode ser entendida como a construção de ensejo, vontade ou ação consciente identificada como a causalidade para a entrada no crime e posteriormente no sistema penitenciário. São as escolhas lexicais das narradoras em conjunto com outras marcas de natureza linguística ou paralinguística que identificam a agência na narrativa.

“Eu me vi desesperada, desespero puro”

Retomamos aqui a análise particular de parte da entrevista com Valéria e sua narrativa de entrada para o crime.

01 Vinícius Valéria, primeira pergunta. Como, como é que você
02 veio parar aqui na fundação?
03 Valéria Santa Clara? Foi assim, eu por ser do- por estar no
04 cárcere... aí quando eu me vi sem liberdade... Eu
05 so- eu sou professora formada.
06 Amanda Uhum
07 Valéria Ái me envolvi com crime, com com o cri:::me devido à
08 desemprego, eu tinha dois filhos pequenos pra
09 cria:::r, inclusive o pai dos meus filhos também(.)
10 é do cárcere, e, e:: eu tive dificuldades
11 financeiras, >por mais que minha família me
12 ajuda:sse<. Minha família não, minha mãe. Acabei me
13 envolvendo, porque é dinheiro fá::cil, é uma
14 situação... facilidades, a realidade é essa,
15 facilidades. Acabei me envolvendo com coisa errada
16 e acabei indo presa. Lá eu me vi o que, sem
17 liberdade, meus filhos, né, sem, sem minha
18 presença, sem meu- sem meus cuida::dos, né. Eu me vi
19 desesperada, desespero puro ((voz indistinta)). Vi

20 que não compensou o dinheiro, não compensou- Então
21 o que que eu fiz, lá mesmo eu já comecei a tentar a
22 pedir trabalho pra poder o que, diminuir a minha
23 pena.

24 Vinícius Uhun

À linha 07, observa-se que Valéria prossegue sua narrativa justificando sua entrada no crime por questões sociais, tais como desemprego e filhos menores para cuidar. É possível notar que toda a narrativa tem caráter de justificativa, formando o que nos estudos da fala-em-interação se denomina *account*. Interessante ligar esse ponto do destaque da agência com a construção identitária e apresentação do *self*, pois também ocorre um apagamento do estigma pela justificativa da necessidade da prática desviante pelo que chamamos aqui de *maternidade compulsória*: “eu tinha dois filhos pequenos pra criar, inclusive o pai dos meus filhos também é do cárcere”. A entrevistada se apresenta como uma mãe, que, apesar de capacitada ao exercício de uma atividade socialmente aceita e prestigiada – a de professora – teve dificuldades maiores do que sua capacidade, e conscientemente, optou pela prática da atividade criminalizada.

O exemplo de Valéria converge com os estudos de Becker (1963), já que ela, embora avalie negativamente a entrada para o crime, se utiliza de uma técnica de neutralização do desvio: “justificações para o desvio que são vistas como válidas pelo delinquente, mas não pelo sistema legal ou pela sociedade em geral” (idem. p. 39). Becker afirma que as pessoas permanecem sensíveis aos códigos de conduta do grupo ou da sociedade (“Acabei me envolvendo com coisa errada e acabei indo presa”), desenvolvendo em tais técnicas uma razão que torne a ação desviante meritosa ou ao menos compreensível. Uma observação importante que se pode tirar da análise do excerto acima é que a justificativa que levou Valéria à prisão (“meus filhos, né, sem, sem minha presença, sem meu- sem meus cuidados, né. Eu me vi desesperada, desespero puro”), posteriormente serviu para que ela buscasse sair do sistema prisional, servindo o sistema de coerência da maternidade compulsória desta vez como causa redentora na história de vida da entrevistada.

“Eu queria ostentar, né?”

Em contraste com o exemplo anterior, passemos mais uma vez à análise da agência e neutralização do desvio tendo agora como base novamente a conversa com Aline, já analisada em subseção anterior.

01 Vinícius Você: é:: como é... deixa eu tentar reformular.
02 >O que que aconteceu pra você ser presa?<
03 Aline Eu? Tráfico.
04 Vinícius Tráfico. >Meu.Deus.do.céu.que.tenso.< Tudo bem.
05 Tráfico. Mas você trabalhava assim... ativamente,
06 vo- >como é que era isso?<
07 Aline Eu trabalhava ativamente mesmo, traficava mesmo.
08
09 Vinícius Traficava mesmo. Você... mandando, fazendo
10 coisas?
11 Aline Mandando, fazendo, >fazendo tudo<

Observam-se na fala de Aline marcas que sinalizam agência (que emergem no decorrer de sua narrativa) quando perguntada sobre seu trabalho no tráfico. Na linha 07, a entrevistada se utiliza da repetição da fala do pesquisador para responder à pergunta. O mesmo pode ser visto quando da insistência deste para que ela desse mais informações à linha 09; em tom direto e enfático, a resposta vem em nova repetição “Mandando, fazendo, >fazendo tudo”, momento em que se força o riso geral para descontrair a tensão interacional. Restaurado o equilíbrio, pergunto para a entrevistada como ocorreu sua prisão.

13 Aline um amigo meu, pegaram ele primeiro, e ele falou onde
14 eu [tava=
15 Vinícius [Iiiff, Xis nove]
16 ((risos))
17 Aline =Ahhí] levou os polícia lá
18 onde eu tava. Aí fui presa.
19 Vinícius Entendi. É... assim, é:: é, ele trab- trabalhava,
20 trabalhava com você::?
21 Aline Trabalhava. Só que a gente tinha brigado e eu falei
22 pra ele que não queria mais que ele trabalhasse pra
23 mim. Aí nesse dia ele foi e levou os polícias lá em
24 casa.
25 Vinícius Meu deus do céu. Quem era, quem era não gente
26 ((risos)). Ó a pergunta que eu faço. É: Você
27 trabalhava com o chefe::?

28 Aline Não, eu que:: trabalhava por conta própria, no caso,
 29 eu era dona e tinha algumas pessoas que trabalhavam
 30 pra mim.
 31 Vinícius Humm:: Nossa! Mas que barato.
 32 Amanda ↑Né::

Ao narrar como se deu sua prisão, Aline traz aos demais participantes novamente uma orientação à história que quebra as expectativas normativas. Segunda a entrevistada, era ela mesma a 'mandante da boca', como pode ser visto na linha 22 e 23: "não queria mais que ele trabalhasse *pra mim*". Captando a pista, mas com cautela, o entrevistador elabora a pergunta seguinte esperando uma confirmação. A agência na fala da entrevistada é bastante significativa³ ("trabalhava por conta própria", "eu era dona e tinha algumas pessoas que trabalhavam *pra mim*"). A neutralização do desvio não comparece nos turnos da entrevistada; são os entrevistadores os que avaliam positivamente o posicionamento de Aline (linhas 31 e 32). Nesse ponto da análise, é importante ressaltar que a gentividade no discurso de Aline é relevante não apenas para os estudos da narrativa, mas também para uma reflexão social sobre gênero e o papel da mulher na sociedade.

Outras marcas de agentividade emergem da fala da entrevistada, dessa vez relacionadas ao status que a entrada para o crime lhe concedeu.

40 Amanda O que eu achei incrível, é que, geralmente, tipo,
 41 nas entrevistas que nós fizemos, é sempre a mulher
 42 num papel secundário [...]
 43 Vinícius É:
 44 Amanda [...] em relação ao homem. Você mandava, gente, isso
 45 é incrível!
 46 Aline É:: Eu:: tive uma curiosidade né, de:: tipo, ter
 47 pessoas trabalhando pra mim, de mandar, tipo, de
 48 gostar muito de ostentar, >eu quereria ostentar né?<
 49
 50 Amanda Entendi
 51 Aline Ter aquele poder. De chegar num lugar e todo mundo
 52 só faltava estender o tapete vermelho [então]
 53 Vinícius [Uau!]
 54 ((risos))
 55 Aline Eu fiquei com esse poder, entendeu?

³ Fazendo uma relação deste ponto com a teorização sobre trabalho de face, observa-se nesse caso que o uso de diretivos, ou seja, a escolha lexical de Aline ratifica de vez a linha que ela escolheu manter e justifica o uso agressivo da face (Goffman, 1955).

Novamente, as marcas de neutralização do desvio no trecho em comento aparecem de forma nítida nas falas dos pesquisadores às linhas 40 a 43, e indiciam de forma explícita a surpresa e perplexidade dos dois ao verem uma mulher numa posição normalmente ocupada por homens no contexto do tráfico carioca – mesmo que tal posição seja socialmente tida como estigmatizada e desviante.

Passividade no manejo do estigma

A quebra de expectativa observada nas narrativas de Aline e Valéria não foi regra nos dados gerados para a pesquisa. Em todas as outras entrevistas, o que se observou foi uma certa adesão a um discurso de subalternidade feminina em relação ao protagonismo masculino do tráfico de drogas. A entrevista-piloto realizada com Denise, ex-interna do sistema prisional que atua hoje em uma conhecida ONG de apoio a ex-presidiários, será apresentada aqui como exemplar de uma narrativa construída a partir de um sistema de coerência hegemônico.

01 Liana É, Denise, como é que[
 02 Denise [Ele (2) eu conheci, >eu
 03 conhecí< meu marido, eu era muito nova eu não sabia
 04 que ele era(.)um traficante. °Ele era bandido. °
 05 Eu morava lá na Zona Norte(.) meu pai era militar
 06 do exército e lá... na Tijuca existe não só o
 07 tráfico na favela, >mas existe um tráfico<, né, no
 08 asfalto (1) e ele era envolvido nisso também.
 09
 10 Liana {°Tendi.°}
 11 Denise [E eu não] sabia eu era muito nova e (xxxx) a
 12 minha melhor amiga, né, o namorado dela andava
 13 nessa rua que parava uma galerinha mais ::pesada
 14 (.)

A narrativa de Denise é pontuado por autoavaliações. Ela inicia sua narrativa de forma a construir uma imagem favorável, baseada principalmente em reproduções de certos cânones culturais: "eu conheci meu marido, eu era muito nova.", "e eu não sabia, eu era muito nova". O discurso de desresponsabilização pela pouca idade pode ser entendido aqui como uma forma de neutralização. A narrativa de Denise, especialmente as relações causa

e efeito construídas continuam se afastando do padrão anteriormente atribuído, por exemplo, à narrativa de Aline.

15 Liana Cê tinha quantos anos?
16 Denise Tinha quinze.
17 Liana [<Quinze...>]
18 Denise Quinze pra dezesseis, era bem nova. Ele me ::contou
19 mais ou menos >da vida< mas eu não tinha é, é ideia
20 da proporção do problema, da confusão que era(.)
21 .hh me contou que era fora-ele já tinha sido
22 ::preso, ele conseguiu fugir e falou >que a família
23 dele< era dona de uma comunidade ali na Zona Norte.
24 A família dele era toda, envolvida, >no tráfico<.
25 Assim, primo... é, tia(.) É uma família que cada
26 um ramificou assim prum lado. Ele falou assim por
27 alto mas eu não entendi, o primo tava:: preso aí
28 ele pegou assim uma vez, sentou e "olha só, dê, eu
29 sou foragido da polícia. Eu não posso ::isso, eu
30 não posso ::aquilo >minha família é dona dessa
31 comunidade vamos lá pra você conhecer< e aí, .hh
32 ↑Já tinha ido, dizer que eu nunca tinha ido numa
33 favela >mentira< que na época todo mundo ia no
34 baile do, do Morro do Salgueiro ali na Tijuca,
35 >fervia todo mundo ia pra lá<. Mas na dele eu nunca
36 tinha ido, ::fui... aí fui vendo uma coisa mais
37 profunda né (3). Tomei aquele susto, mas a gente
38 <°ah, apaixonada...°> meu primeiro namorado... você
39 meio que muda, não sabe >o que é certo o que é
40 errado e mistura tudo fica meio cega< e fui, fui
41 de:: cabeça, passei a ser a pior filha do ° mundo °
42 dentro da minha própria casa.
43

De forma a manipular o estigma e preservar a própria face frente a sua entrevistadora, Denise evita explicitar lexicalmente a sua entrada para o crime. A narradora se constrói e auto-avalia de forma a tornar relevante a ingenuidade atribuída às meninas jovens e apaixonadas como uma estratégia de defesa e a participação agentiva, e ao seu marido como aquele que teria conduzido sua participação no tráfico. É importante notar que Denise dá destaque narrativo à idade com a qual se envolveu com seu marido.

Considerações finais

Os dados gerados e a flexibilidade da análise qualitativa e interpretativista típica do campo da análise de narrativas proporcionou que a pesquisa fosse redirecionada para questões de gênero e para a categoria discursiva de agentividade. A polarização entre construções mais passivas, como as de Denise, apoiadas em um sistema de coerência hegemônico sobre feminilidade, e construções mais agentivas, que transgridem os sistemas de coerência normativos sobre gênero, como as de Amanda, apontam para, do ponto de vista social, a variedade de motivações de entrada para o crime por parte de mulheres periféricas. Do ponto de vista discursivo, vê-se como tanto a adesão quanto a resistência a estereótipos de gênero podem ser usados estratégicamente como estratégias neutralizadoras do desvio, que ressignificam a entrada para o tráfico em bases culturalmente compreensíveis.

Referências

- BASTOS, Liliana Cabral. Narrativa e vida cotidiana. Revista **Scripta**. Belo Horizonte. v. 7, n. 14, p. 118-127, 1º sem. 2004.
- BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** (PUCSP. Impresso), v. 31, p. 97-126. 2015.
- BECKER, Howard S. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro, Zahar. 2008 [1963];
- BIAR, Liana de Andrade. Trabalho de face e estigma no encontro interacional misto: um estudo de polidez aplicado ao contexto prisional. **Linguística**. Madrid, v. 31, n. 01. p. 127-142. 2º sem. 2015.
- _____. **Realmente as autoridades veio a me transformar nisso: narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio**. Rio de Janeiro. Tese (doutorado). Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 246f. 2012
- _____. Desvio e estigma: caminhos para uma análise discursiva. Revista **Calidoscópio**, Vol. 13, n. 1, p.113-121. jan/abr 2015;
- FLANNERY, Mércia Regina Santa. Uma introdução a análise linguística da narrativa oral: Abordagens e modelos. Campinas, Pontes Editores. 2015

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar. 1975 [1963];

_____. A elaboração da face. In FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. **Psicanalise e Ciências sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 1980 [1955].

_____. Footing. In RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2ed. São Paulo. Edições Loyola. 2013 [1979].

MISHLER, Elliot. **Research interviewing: context and narrative**, Cambridge, Harvard University Press. 1986.

RIESSMAN, Catherine K. **Narrative Analysis**. Newbury Park: Sage, 1993.